

## UFRJ contra a extinção do MCTI

**Professores das mais diversas áreas do conhecimento comparecem ao ato de lançamento de uma frente da universidade contra o fim do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação**

A UFRJ lançou no dia 25 de maio, diante de um auditório lotado, a Frente contra a extinção do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. A atividade, que teve o apoio da Adufrj-SSind, foi proposta por professores na última assembleia geral da categoria (em 17 de maio). Trata-se de uma reação da comunidade acadêmica à fusão anunciada pelo governo interino de Michel Temer entre os ministérios das Comunicações e da Ciência, Tecnologia e Inovação.

O objetivo agora é expandir a iniciativa para outros institutos, universidades e fundações de pesquisa. Mais que uma atividade contra a dissolução do MCTI, a ação foi importante por unir docentes e pesquisadores de todos os Centros da UFRJ. Outras ações da Frente e notícias sobre o MCTI podem ser encontradas no Blog da Adufrj recém-lançado para tratar do assunto: [www.adufrj.org.br/mcti/](http://www.adufrj.org.br/mcti/).

Ildeu Moreira, vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e professor do Instituto de Física da UFRJ, é um dos idealizadores da Frente. Para ele, além do lançamento deste movimento, é preciso que professores e pesquisadores realizem outras atividades contra a extinção do MCTI. "Quero chamar atenção para a urgência de nossas ações. As coisas já estão acontecendo. Precisamos nos articular com outros setores, com outras áreas. Conversar em nossas unidades, com nossos alunos, com nossos colegas. Em nome da SBPC, eu digo que vamos fazer essa briga em nível nacional", declarou. Ele sugeriu que os pesquisadores organizem um dia de mobilização nacional com abraços a prédios históricos ligados à ciência e que a comunidade científica faça pressão nos parlamentares para que o governo interino abandone a ideia de fundir o MCTI às Comunicações.

A presidente da Adufrj-SSind, Tatiana Roque, reforçou o caráter de diálogo com a sociedade proposto pela Frente, que também busca sensibilizar a população para a defesa da universidade: "Além da defesa do Ministério, esta é uma oportunidade de mostrar para a sociedade o que fazemos. Aumentar o envolvimento da sociedade no desenvolvimento da ciência", disse. Ela enfatizou o papel da Adufrj-SSind de potencializar as iniciativas dos professores da universidade. Ela observou que a ideia de criação da Frente teve origem na mobilização surgida contra a extinção do Ministério da Cultura.

Luiz Bevilacqua, professor emérito da Coppe, demonstrou a preocupação da comunidade científica com as perdas para a ciência a partir da extinção do MCTI: "Destruir um processo de desenvolvimento da Ciência e Tecnologia é retroceder em anos na história. Leva-se muito tempo, décadas, para recuperar o que foi perdido". Para o docente, a fusão dos ministérios das Comunicações e da Ciência, Tecnologia e Inovação é "absolutamente inadequada". O MCTI, para o professor, preserva uma das poucas políticas de Estado: "Estamos espalhando conhecimento pelo país. A gente não pode parar com isso".

O reitor da UFRJ, Roberto Leher, relacionou a fusão dos ministérios a uma reforma do Estado. "Trata-se de uma reforma de Estado, feita de forma unilateral, por um governo interino. O deslocamento do MCTI para um âmbito inferior (uma secretaria) não se trata de custo. É uma economia irrisória. É um deslocamento do lugar de importância da ciência e tecnologia". No mesmo dia 25, a reitoria divulgou nota em defesa do MCTI (<https://goo.gl/HJP2ok>).

Professora da Faculdade de Letras, Beatriz Resende também participou da atividade de lançamento da Frente e chamou atenção para a falta de informações sobre o funcionamento da nova estrutura proposta pelo governo federal: "Lançam um ministério e não dizem o que é, não explicam".

Ela também falou do crescimento da pesquisa em sua área, a despeito dos poucos recursos: "As verbas diminuíram, mas houve crescimento extraordinário na pesquisa. A qualidade da pesquisa que vem sendo feita no Norte e Nordeste é absolutamente exemplar. Mas, com essa política (de fusão), a área das Humanidades está ameaçadíssima".

CONTINUA NO VERSO >

Claudia Ferreira



Mesa que abriu os trabalhos do ato: Ildeu Moreira; Leite Lopes; Luiz Bevilacqua; Beatriz Resende; Débora Foguel; Roberto Leher; Jerson Lima; Tatiana Roque

> CONTINUAÇÃO

## Demanda histórica

José Sérgio Leite Lopes, diretor do Colégio Brasileiro de Altos Estudos e professor do Museu Nacional da UFRJ, lembrou que a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia, que posteriormente agregou também a Inovação, era uma demanda antiga do movimento pelo progresso da ciência. Seu pai, o físico José Leite Lopes, foi um dos que lutaram na década de 1960 pela criação do ministério: ele escreveu um artigo defendendo a importância da iniciativa.

Em maio de 1985, foi criado o então Ministério da Ciência e Tecnologia. Trinta e um anos depois, foi anunciada sua extinção. Quem chamou atenção para a coincidência de datas foi a professora do Instituto de Bioquímica Médica, Débora Foguel. Ela, que foi pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa da UFRJ entre 2011 e 2015, criticou duramente a decisão do governo Temer. “A Academia (Brasileira de Ciências) fez cem anos e o presente que este governo ora nos dá é a fusão do MCTI às Comunicações. É muito triste ver a forma como somos tratados, especialmente ao vermos o avanço da Ciência e da Tecnologia nas várias áreas do saber. Não podemos perder os especialistas e os programas que temos”, disse. Como exemplo, ela citou as recentes pesquisas sobre o vírus zika que ganharam as páginas de revistas científicas internacionais.

## Em defesa do futuro

Diretor Científico da Faperj e professor do Instituto de Bioquímica Médica, Jerson Lima afirmou que a decisão de acabar

com o ministério não dialoga com a proposta do governo interino de modernizar o país. “Se era intenção desse governo interino fazer ‘uma ponte para o futuro’ por que não copiou algumas ações de países desenvolvidos?”. Ele citou o exemplo da Áustria, onde o ministério mais importante é o Ministério da Ciência, da Pesquisa e da Economia. “Lá, eles têm poucos ministérios, mas esse é o mais importante”.

Lima citou também o crescimento da Ciência e Tecnologia durante os 31 anos de existência do ministério. “A ciência e a pesquisa cresceram dez vezes no Brasil nesse período. Essa fusão é difícil de entender, de explicar. Se a gente quiser tirar essa dependência do país das *commodities* temos que investir em C&T”.

Romildo Toledo, vice-diretor da Coppe, classificou como “esdrúxula” a junção do MCTI às Comunicações: “Que modelo de desenvolvimento econômico o país quer com esse tratamento dado à C&T? A inovação no Brasil ainda é muito incipiente, está no berço e precisa de políticas para seu desenvolvimento. É preciso lutar para que essa decisão seja revista. As gerações futuras serão penalizadas”.

Luiz Pinguelli Rosa, diretor de Relações Institucionais da Coppe, fez o discurso mais político do evento: “O Brasil anda pra trás. Isto (a extinção do MCTI) está dentro de um contexto muito ruim. O golpe branco, que tirou uma presidente da República honesta, impõe interesses contrários aos interesses do país. Privatização das empresas estatais, cortes no Estado, eu acho que muitas coisas ruins estão se configurando”.

MATÉRIA COMPLETA EM <http://goo.gl/Qhg0qi>



Claudia Ferreira

Auditório G-122 do Centro de Tecnologia ficou lotado para acompanhar a atividade

## UFRJ QUITA DÍVIDAS DE 2015 COM A LIGHT

### Desafio agora é pagar as contas deste ano. Esforço consiste em liquidar janeiro e fevereiro

Continuam as negociações da UFRJ com a concessionária de energia elétrica Light. A universidade quitou as faturas de 2015 no último mês e meio (faltavam as de setembro, outubro, novembro e dezembro). “Conseguimos, em 45 dias, com recursos do orçamento – ou seja, sem dotações extraordinárias –, zerar o ano de 2015. Quando a gestão do professor Roberto Leher começou, a UFRJ só havia acertado a fatura de janeiro (daquele ano)”, disse o pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento, Roberto Gambine. O montante foi de aproximadamente R\$ 20 milhões.

Gambine informou que a concessionária fez uma proposta de escalonar a dívida de 2015 com juros que não cabiam no orçamento da universidade. Então, a solução foi pedir um prazo maior para conseguir levantar o dinheiro. Agora está em negociação o prazo para pagamento dos meses de janeiro e fevereiro deste ano. A universidade pediu a liberação de R\$ 10 milhões para quitar estas faturas. “Estamos dependendo da resposta do MEC. Caso consigamos avançar até a de março, a Light ficará no mesmo patamar dos outros fornecedores. Estamos trabalhando com um prazo de dois meses entre a prestação do serviço e a liquidação da nota”, disse. Ele garantiu que não há mais riscos de novas interrupções no fornecimento de energia.

Gambine acrescentou, ainda, que o episódio do apagão em diversas unidades da universidade, ocorrido em abril, contribuiu para o levantamento e planejamento de ações de modernização de algumas instalações. “Serviço para ocorrerem negociações com a empresa, envolvendo a área técnica da universidade e Prefeitura Universitária para o ajuste de áreas muito antigas. Montamos um grupo de trabalho para levantar essas situações”, contou.

## OUTRAS NOTÍCIAS

### EECUN: em defesa das políticas afirmativas

LEIA MAIS EM <http://goo.gl/pNMMvU>

### Estudantes protestam contra atraso na reforma do alojamento

LEIA MAIS EM <http://goo.gl/zwVuL4>